

## CAPÍTULO 1

### 1º de outubro de 2004

A ORDEM DE EXECUÇÃO CHEGOU naquela manhã, em um envelope grande e branco com o carimbo *confidencial* e endereçado a Tab Mason, superintendente da Penitenciária Estadual do Oregon. Mason já havia sido avisado que o documento talvez chegasse. Algumas semanas antes, o promotor de justiça do condado de Crook dera com a língua nos dentes, deixando escapar que, após 19 anos no corredor da morte, o assassino condenado Daniel Joseph Robbin interrompera seus recursos de apelação.

Mason deixou cair o envelope sobre sua mesa, junto com uma pasta da espessura de um punho, e passou a mão pela cabeça raspada. Trabalhava havia vinte anos no setor correcional — Illinois, Louisiana, Flórida — e em meia dúzia de ocasiões atuara no pequeno destacamento encarregado da execução, mas nunca fora incumbido de comandar o procedimento propriamente dito. Nas outras vezes simplesmente conduzia o condenado até a sala de execução, afivelara as correias, abrira as cortinas do cubículo das testemunhas, e depois se limitara a dar um passo atrás e esperar. Tinha trabalhado com um colega na Flórida que já

participara da coisa toda cinquenta vezes. “Vira rotina”, disse o guarda a Mason, naquela altura ocupado vomitando numa lata de lixo após testemunhar sua primeira execução.

Mason afundou na cadeira, acendeu a luminária de mesa e abriu o arquivo de Robbin. Dentro havia a fotografia de identificação do rapaz, de frente e de perfil. Tinha 19 anos de idade ao ser fichado, os cabelos longos e ralos e olhos semicerrados numa expressão oblíqua e hostil. Mason virou a página e começou a ler. Na tarde de 6 de maio de 1985, Daniel Joseph Robbin espancou e atirou em Steven Joseph Stanley (conhecido como “Shep”), 15 anos, durante roubo à residência do garoto, no número 111 da alameda Indian Ridge. A vítima foi encontrada ainda com vida pelo pai, o chefe de polícia Nathaniel Patrick Stanley, mas morreu antes da chegada do socorro médico. Os demais membros da família — Irene Lucinda Stanley, esposa de Nathaniel e mãe de Steven, e Barbara Lee (conhecida como “Bliss”), de 11 anos — não estavam presentes durante o incidente. Os Stanley, originários de Illinois, viviam no Oregon havia apenas um ano e meio.

O superintendente folheou mais algumas páginas — documentos do tribunal, cartas, fotos —, depois se recostou na cadeira e olhou pela janela. Um edifício retangular e atarracado assentava-se na extremidade norte do terreno de 101 mil metros quadrados da prisão. Já fazia sete anos desde a última vez que alguém tinha sido executado ali. Mason fora galgando posições na hierarquia da Prisão Estadual da Flórida em Raiford, aspirando a um emprego como o que tinha agora — chefe de uma grande instituição correcional, um bom salário, poder. Soltou um longo suspiro de desgosto. Por que logo agora? A penitenciária estava pra lá de superlotada, as celas com o dobro da capacidade de presos, metade deles ensandecida; brigas pipocavam a torto e a direito, as gangues estavam cada vez mais difíceis de controlar; havia disputas raciais, drogas — enquanto isso a verba para reabilitação e orientação psicológica continuava a sofrer drásticos cortes. Por que logo agora, e por que isso?

Mason releu a ordem de execução, marcada para o primeiro minuto do dia 29 de outubro.

— É daqui a menos de um mês — disse, balançando a cabeça.

Depois, como que para animar-se, bateu palmas com suas mãos de cores diferentes, uma preta como o restante da sua pele, a outra

estranha e quase grotescamente branca. Naquele emprego não havia espaço para reclamações, disse para si mesmo. Naquele cargo ele não podia se dar ao luxo de choramingar sobre o que precisava ser feito. Nada de gaguejar ou balbuciar nem fazer qualquer coisa que pudesse demonstrar o menor sinal de resistência ou hesitação. Não. Tudo em sua carreira o vinha encaminhando a esse tipo de desafio: sua conduta, suas palavras, suas ações estabeleceriam o tom. E ele sabia exatamente qual era o tom necessário.